

TECNOLOGIAS DIGITAIS E FORMAÇÃO HUMANIZADORA NA PRÁXIS ESCOLAR

Wanessa Gurgel Cardozo¹

Lidiane Kalídia Fernandes de Souza²

Luma Fabricia Paiva Alves³

Alex Carlos Gadelha⁴

RESUMO

O presente artigo analisa como as tecnologias digitais podem contribuir para uma formação crítica e humanizadora no contexto escolar, superando a perspectiva meramente instrumental. A partir de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em autores como Paulo Freire, Manuel Castells e Vani Kenski, discute-se a relação entre educação e tecnologia na Sociedade da Informação. A investigação evidencia que o uso pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) deve transcender o domínio técnico, promovendo a práxis freireana através da reflexão crítica sobre como essas ferramentas moldam relações de poder e influenciam a percepção da realidade. O estudo destaca o papel do professor como mediador essencial nesse processo, responsável por problematizar o uso das tecnologias e desenvolver nos educandos autonomia, consciência crítica e capacidade de transformação social. Conclui-se que a integração entre tecnologia e educação humanizadora constitui condição fundamental para a formação de sujeitos emancipados, capazes de atuar criticamente na sociedade digital contemporânea.

Palavras-chave: Tecnologias digitais. Formação crítica. Educação humanizadora. Práxis. Sociedade da Informação.

A Sociedade da Informação é um conceito elaborado e desenvolvido por Manuel Castells (1996) que tem possibilitado pesquisas e produções científicas envolvendo a rápida e ampla difusão das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e seus impactos no cotidiano social, econômico e cultural. Essa repercussão também alcança a escola, lugar onde trabalham e convivem educadores e educandos, compartilhando ações de ensino-aprendizagem com o fim de construir uma formação cidadã, crítica e reflexiva, com sujeitos emancipados e sensíveis aos processos humanização das relações e interações nos diversos âmbitos da existência (Freire, 1996; Moran, 2007).

Teóricos como Moran (2007), Kenski (2007) e Gadelha (2013), entendem que a relação entre Educação e Tecnologia deve transcender a mera instrumentalização para o trabalho. Os mesmos oferecem um olhar sobre o potencial de sensibilização que os meios

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: wanessacardozo@alu.uern.br

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: lidianekalidia@alu.uern.br

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: lumafabricia@alu.uern.br

⁴ Bacharel em Ciências Sociais, licenciado em Pedagogia, mestre em Educação. Professor na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: alexgadelha@uern.br



Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



digitais possuem para uma formação que permita ao sujeito ser autor de sua história e agente de transformação da sua existência coletiva (Freire, 1996). Nestas e em outras bases reflexivas, emerge a questão central da pesquisa: Como as tecnologias podem contribuir para uma formação crítica e humanizadora? Seu objetivo geral é analisar como o uso de tecnologias digitais pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem voltado à formação crítica e humanizadora.

A pesquisa é bibliográfica, compreendida por Gil (2002, p. 44) como aquela “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Nesse sentido, a abordagem da investigação é qualitativa, pois não há necessidade de quantificar os dados, mas, compreender e interpretar explicações sobre dinâmicas que envolvem relações sociais (Minayo, 2001). O referencial teórico explora autores como Freire (1987), Castells (1999), Kenski (2007) e Gadelha (2013). A fundamentação em Paulo Freire, cujo legado teórico se mostra essencial para refletir sobre a relação entre educação e tecnologia, de modo que o foco recai sobre a práxis, o diálogo e a conscientização dos sujeitos educandos. Seu nome traz relevância à discussão presente neste texto, pois com base em suas reflexões podemos entender que o uso das tecnologias deve ser um ato de conhecimento, permitindo que sujeitos “leiam o mundo” digital e não apenas recebam dados passivamente.

Diante da realidade tecnológica atual, se faz necessário pensar as formas de construir e viver a educação a partir da escola, pois também sofre pressões por mudanças, ao mesmo tempo em que assume um papel fundamental, já que tem poder de mediar institucionalmente a informação ou o conhecimento. No pensar de Gadelha (2013), a escola é o lugar onde deve acontecer a inclusão digital, considerando a mediação pedagógica de profissionais qualificados e o acesso gratuito à estruturas informáticas e de conexão com a internet. É nesse ambiente que existe a possibilidade de integrar os sujeitos à realidade da “era digital” com senso crítico, de modo que possibilite aos sujeitos a compreensão das necessidades derivadas do atual mundo do trabalho, bem como dos mecanismos de cidadania que exploram tecnologias, tais como o uso da urna eletrônica, máquinas de autoatendimento, possibilidade de pesquisas sobre diversos temas nos mecanismos de buscas e comunicação telemática.

Para essa discussão, Paulo Freire oferece o conceito de práxis:

A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. Por isto, inserção crítica e ação já são a mesma coisa. com (Freire, 1987, p. 21).

A práxis freireana, quando aplicada ao contexto educacional contemporâneo, revela-se fundamental para superar a mera instrumentalização tecnológica. Não se trata apenas de dominar softwares ou navegar pela internet, mas de desenvolver uma consciência crítica sobre como essas ferramentas moldam nossa percepção da realidade, influenciam relações de poder e podem tanto libertar quanto oprimir. Nessa perspectiva, o educador assume o papel de mediador que problematiza o uso da tecnologia, questionando junto aos educandos: a quem serve essa ferramenta? Quais vozes são amplificadas e quais são silenciadas? Como podemos utilizá-la para transformar nossa realidade social? Essa abordagem dialógica transforma o ambiente de aprendizagem em espaço de conscientização, onde tecnologia e pedagogia crítica se entrelaçam na construção de sujeitos autônomos.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



A integração entre tecnologia e práxis exige, portanto, uma ruptura com o modelo bancário de educação, no qual o estudante seria mero receptor passivo de informações digitalizadas. Castells (1999) nos alerta para a centralidade do conhecimento na sociedade informacional, mas é Freire quem nos lembra que esse conhecimento precisa ser construído coletivamente, através do diálogo e da problematização da realidade concreta dos educandos. Quando um estudante aprende a pesquisar criticamente na internet, a identificar fake news, a compreender algoritmos que filtram sua visão de mundo, ele não está apenas adquirindo competências técnicas – está exercendo a práxis, refletindo sobre sua condição no mundo digital e adquirindo ferramentas para transformá-la. A educação tecnológica crítica, nesse sentido, é também educação para a liberdade.

Assim, o desafio contemporâneo da educação não reside em opor ou simplesmente somar tecnologia e humanismo, mas em construir uma síntese dialética onde a mediação tecnológica potencialize a humanização. As instituições educacionais precisam formar sujeitos capazes de não apenas consumir informação, mas de produzi-la criticamente, de não apenas utilizar plataformas digitais, mas de compreender suas lógicas e implicações sociais. Somente através dessa práxis tecnológica – que une reflexão crítica e ação transformadora no contexto digital – será possível superar as novas formas de opressão características da era informacional: a exclusão digital, a manipulação algorítmica, a precarização do trabalho mediada por aplicativos. A educação crítica para as tecnologias é, portanto, condição essencial para a construção de uma sociedade mais justa e democrática no século XXI.

Vale ressaltar que a participação do professor nesse processo é fundamental, pois como escreve Gadelha (2013, p. 80) “[...] o professor ainda continua na função de agente facilitador da aprendizagem na sala de aula. Apesar de todo seu potencial e pertinência quanto à vida do homem, os recursos digitais não dialogam com e nem acerca do saber. Somente os humanos têm subjetividade.” Nesse sentido, ao reconhecer o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem, compreende-se que o uso das tecnologias digitais deve estar orientado por intencionalidade pedagógica. O professor deve assim assumir uma postura reflexiva sobre sua própria prática (a práxis de Freire), buscando compreender como as tecnologias podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

A práxis freireana – entendida como reflexão e ação sobre o mundo para transformá-lo – mostrou-se fundamental para que a inserção crítica na realidade digital capacite os sujeitos a identificar como as tecnologias podem tanto oprimir quanto libertar. O diálogo problematizador transforma o ambiente de aprendizagem em espaço de conscientização, onde educadores e educandos questionam juntos: a quem servem essas ferramentas? Como podemos utilizá-las para transformar nossa realidade social?

Conclui-se que a educação crítica para as tecnologias, fundamentada no pensamento libertador de Paulo Freire, constitui condição essencial para formar sujeitos emancipados, capazes de superar as novas formas de opressão da era informacional – exclusão digital, manipulação algorítmica e precarização do trabalho – e de utilizar as tecnologias como instrumentos de humanização e construção de uma sociedade mais justa e democrática. A educação tecnológica crítica é, portanto, educação para a liberdade.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**





Educação na Era Digital: Políticas, Formação e Práticas Educativas em Debate

26 a 28 de novembro de 2025



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADELHA, Alex Carlos. **O sujeito professor e sua trajetória (auto) biográfica para o processo de inclusão digital na escola**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KENSKI, Vani. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2007.



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO **UERN**

